



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Conferência das Partes da CMNUCC - Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 04/12/2018



Construindo sistemas de alerta precoce centrados nas pessoas no Caribe



Uma iniciativa para fortalecer os sistemas de alerta precoce de multirrisco no Caribe foi lançada em 20 de novembro durante o encontro do Fórum Climático do Clima (CariCOF) na estação seca, realizado em Accra Hotel, em Hastings, Barbados.

O projeto do Sistema de Alerta Climático e Risco Climático (CREWS) intitulado “Fortalecendo os Serviços de Hidrometeorologia e Alerta no Caribe” será implementado conjuntamente pelo Banco Mundial, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) e o Escritório das Nações Unidas para Redução de Risco de Desastres. (UNISDR) em estreita colaboração com a Agência Caribenha de Gestão de Emergência em Desastres (CDEMA) e o Instituto Caribenho de Meteorologia e Hidrologia (CIMH).

O honorável Edmund Hinkson, Ministro de Assuntos Internos de Barbados, destacou que “é inegável que os sistemas de alerta são reconhecidos como ferramentas essenciais para redução de riscos de desastres”. Hinkson endossou o projeto e elogiou sua parceria

multifacetada que “traz a vantagem comparativa de todas as agências em conjunto com os parceiros regionais. ”O projeto contribui para alcançar o Marco de Sendai para a Redução de Risco de Desastres 2015-2030, em sua meta G: estabelecer o aumento substancial na disponibilidade e acesso a sistemas de aviso prévio de risco múltiplo e informações de risco de desastre e avaliações às pessoas até 2030.

O Banco Mundial liderará o desenvolvimento de uma estratégia regional para fortalecer os serviços de alerta rápido e hidrometeorológicos e apoiar a condução de atividades nacionais de alta prioridade. Enquanto isso, a OMM liderará o fortalecimento institucional e o aumento da capacidade de serviços de alerta antecipado e hidrometria. A UNISDR garantirá a incorporação da perspectiva de gênero e um foco nas populações vulneráveis durante a implementação do projeto. Este projeto tem como objetivo construir a resiliência da comunidade, estabelecendo um sistema de alerta antecipado sustentável, abrangente e abrangente em termos de gênero para a região.

O ministro Hinkson reconheceu também que, embora a capacidade das agências nacionais estivesse se tornando mais forte, a maioria ainda estava lutando com recursos financeiros e humanos limitados, o que resultou nos serviços limitados que eles forneceram.

Ronald Jackson, diretor executivo do CDEMA, defendeu o apoio ao desenvolvimento e investimento de pequenas ilhas em instituições nacionais, levando em consideração pessoas com deficiências. A sustentabilidade é um aspecto crítico dos investimentos, como Jackson mencionou, “tudo o que fazemos terá um impacto no nível da comunidade. Se não olharmos para o nível nacional para sustentar nossos investimentos atuais, eles podem não estar aqui daqui a dez anos ”.

David Farrell, Diretor do CIMH encorajou um sistema de alerta precoce informado por gênero e declarou que “a comunicação é essencial para alavancar e ampliar o que fizemos até agora e os CREWs devem construir em nossa visão do que achamos que a região do Caribe pode alcançar”.

Os participantes do lançamento incluíram 65 representantes dos setores de gestão de risco meteorológico, hidrológico e de desastres e setores prioritários, bem como as principais instituições especializadas e agências parceiras da região do Caribe.

Os debates durante o lançamento do projeto CREWS Caribe Regional Warning Systems advertiu que as previsões de alta qualidade com alertas oportunos entregues às comunidades vulneráveis e traduzidas em ações preventivas ajudaram a salvar muitas vidas e reduziram as perdas econômicas na região do Caribe durante as recentes temporadas de furacões.

FONTE: <https://public.wmo.int/en>

Entendendo o Relatório Especial do IPCC em 1.5 ° C

Em 2015, os governos adotaram o Acordo de Paris para enfrentar as mudanças climáticas (veja abaixo) e convidaram o IPCC a preparar um relatório especial em 2018 para avaliar os impactos e as vias relacionadas ao aquecimento de 1,5°C. Este resumo fornece contexto e explicação dos principais conceitos para políticos, mídia e outros sobre o Relatório Especial em 1.5 ° C, programado para ser publicado, sujeito a aprovação, pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) em 8 de outubro de 2018. é produzido antes da publicação do relatório e, portanto, não contém resultados do próprio relatório.

https://library.wmo.int/doc_num.php?explnum_id=5188



O que você precisa saber sobre a Conferência do Clima da ONU na Polônia, a COP24

No domingo (2), as Nações Unidas dão início a negociações críticas sobre como responder de forma coletiva e urgente ao aquecimento global. Durante duas semanas, líderes mundiais, pesquisadores, ativistas, representantes do setor privado e de comunidades locais estarão reunidos em Katowice, na Polônia, para a COP24, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas.

Os participantes vão trabalhar em um plano de ação para implementar os compromissos assumidos no Acordo de Paris, firmado há três anos na capital francesa.

Abaixo está um guia para a COP 24, feito para esclarecer as maiores dúvidas que você pode ter sobre o encontro.

1. O básico: UNFCCC, ONU Meio Ambiente, OMM, IPCC, COP24, Protocolo de Kyoto, Acordo de Paris... Alguém me explica tudo isso?

Estas siglas e nomes de lugares representam ferramentas e termos internacionais que, sob a liderança da ONU, foram criados para ajudar a avançar a ação climática globalmente. Todos eles desempenham funções específicas e diferentes para alcançar a sustentabilidade ambiental. Veja como eles se encaixam:

Em 1992, a ONU organizou um grande evento no Rio de Janeiro, chamado Cúpula da Terra, no qual a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) foi adotada.

Neste tratado, países concordaram em “estabilizar concentrações de gases causadores do efeito estufa na atmosfera”, para impedir a interferência perigosa das atividades

humanas no sistema climático. Atualmente, a convenção possui 197 signatários. A cada ano, desde que o tratado entrou em vigor, em 1994, uma “conferência das partes” – uma COP – é realizada para discutir como caminhar rumo a esse propósito. Desde então, foram realizadas 23 COPs e a 24ª será neste ano.

Como a UNFCCC estipulava valores não vinculantes sobre emissões de gases do efeito estufa nem possuía um mecanismo de aplicação, várias “extensões” do tratado foram negociadas durante as COPs, incluindo o famoso Protocolo de Kyoto, em 1997. Esse acordo definiu limites de emissões para países desenvolvidos, que deviam ser alcançados até 2012.

Outro documento foi o Acordo de Paris, adotado em 2015, no qual todos os países do mundo concordaram em aumentar esforços para limitar o aquecimento global a 1,5°C acima de temperaturas pré-industriais. Os Estados signatários também se comprometeram a impulsionar o financiamento de ações climáticas.

Duas agências apoiam os trabalhos científicos da ONU sobre mudanças climáticas: a ONU Meio Ambiente e a Organização Meteorológica Mundial (OMM). Juntas, elas estabeleceram em 1988 o Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas (IPCC). O organismo é formado por centenas de especialistas, que se dedicam a analisar dados e fornecer evidências científicas confiáveis para negociações sobre as mudanças climáticas, incluindo as que serão feitas em Katowice.

2. A ONU parece estar fazendo várias conferências e cúpulas sobre esta questão... Elas são frutíferas?

Estes encontros têm sido vitais para encontrar um consenso sobre uma questão que exige uma solução global. Embora avanços tenham sido mais lentos que o necessário, o processo – que tem sido tão desafiador quanto ambicioso – conseguiu unir todos os países, em meio a circunstâncias muito diferentes. Progresso tem sido verificado a cada passo do caminho. Algumas das ações concretas adotadas até agora provam uma coisa: ações climáticas têm um impacto positivo real e podem realmente ajudar a impedir o pior.

Entre conquistas notáveis já alcançadas, estão:

- Ao menos 57 países conseguiram diminuir suas emissões de gases do efeito estufa aos níveis exigidos para conter o aquecimento global.
- Existem ao menos 51 iniciativas de “precificação do carbono”, para cobrar aqueles que emitem dióxido de carbono por cada tonelada emitida.
- Em 2015, 18 países de alta renda se comprometeram a doar 100 bilhões de dólares ao ano para ações climáticas em países em desenvolvimento. Até o momento, mais de 70 bilhões de dólares foram mobilizados.

3. Por que todos estão falando sobre o Acordo de Paris?

O documento de Paris — que fornece ao mundo a única opção viável para responder às mudanças climáticas — foi ratificado por 184 partes e entrou em vigor em novembro de 2016.

Os compromissos contidos no acordo são significativos:

- Limitar o aumento da temperatura média global para menos de 2°C e buscar esforços para limitar o aumento de temperatura a 1,5°C.
- Intensificar o financiamentos das ações climáticas, incluindo a meta de 100 bilhões de dólares ao ano de países doadores para países de menor renda.
- Desenvolver planos climáticos nacionais até 2020, incluindo metas e objetivos autodeterminados.
- Proteger ecossistemas benéficos que absorvem gases causadores do efeito estufa, incluindo florestas.
- Fortalecer a resiliência e reduzir a vulnerabilidade climáticas.
- Finalizar um programa de trabalho para implementar o acordo em 2018.

Os Estados Unidos, que aderiram ao acordo em 2016, anunciaram em julho de 2017 a intenção de abandoná-lo. No entanto, o país permanece parte do acordo até pelo menos novembro de 2020, que é o prazo mais cedo para deixar o tratado legalmente.

4. Por que o teto de 1,5°C é uma linha crítica?

De acordo com o mais recente relatório científico do IPCC, conter o aquecimento global a 1,5°C, acima de níveis pré-industriais, irá ajudar a protelar danos devastadores e permanentes ao planeta e seus habitantes. Essas consequências incluem: a perda irreversível de habitat para animais do Ártico e da Antártida; maior número de casos frequentes de mortes por calor extremo; escassez de água, podendo afetar mais de 300 milhões de pessoas; desaparecimento de recifes de corais que são essenciais para comunidades inteiras e para a vida marinha; aumento do nível do mar, o que ameaça o futuro e a economia de ilhas inteiras.

A ONU estima que as mudanças climáticas afetariam 420 milhões de pessoas a menos se conseguirmos manter um aumento de 1,5°C, em de 2°C.

Ainda estamos longe de alcançar um futuro neutro em carbono, com um total líquido de zero emissões de CO₂, e a necessidade de seguir em frente é maior do que nunca. Os dados nos mostram que ainda é possível limitar as mudanças climáticas para 1,5°C, mas a janela de oportunidade está se fechando e irá exigir mudanças sem precedentes em todos os aspectos da sociedade.

5. Por que a COP24 é tão importante?

A COP deste ano em Katowice, na Polônia, é especialmente importante porque 2018 é o prazo com que os signatários do Acordo de Paris concordaram para adotar um

programa de trabalho capaz de implementar os compromissos do tratado. Isto exige o ingrediente mais importante e único: confiança entre todos os países.

Entre as muitas outras questões que precisam ser resolvidas, está o financiamento de ações climáticas em todo o mundo. O mundo não pode perder mais tempo: precisamos concordar coletivamente com um caminho corajoso, ambicioso e decisivo para seguir em frente.

6. Quais evidências serão usadas para as negociações na COP24?

As discussões terão base em evidências científicas coletadas ao longo dos anos e analisadas por especialistas. Serão usados principalmente os relatórios a seguir:

- O relatório Especial do IPCC sobre o Aquecimento Global a 1,5°C – saiba mais [clcando aqui](#) (em português).
- O relatório sobre a Lacuna de Emissões 2018, da ONU Meio Ambiente – saiba mais [clcando aqui](#) (em português).
- O boletim 2018 sobre concentração de gases causadores do efeito estufa, da OMM – saiba mais [clcando aqui](#) (em português).
- A análise 2018 sobre a camada de ozônio, da OMM e ONU Meio Ambiente – saiba mais [clcando aqui](#) (em português).

7. Como você pode acompanhar as discussões na COP24?

Existem muitas maneiras para acompanhar os acontecimentos:

- Acompanhar a página especial sobre a COP24 em português do serviço de notícias da ONU – [clique aqui](#).
- Se inscrever no newsletter sobre Mudança Climática para receber destaques diários do serviço de notícias da ONU direto da Polônia – [clique aqui](#) (em português).
- Acompanhar as publicações da ONU Brasil sobre a conferência – [clique aqui](#) para ver as notícias da COP24.
- Seguir a hashtag #ClimateAction no Twitter;

8. Como você pode participar da discussão e fazer a sua parte?

Você pode seguir a ferramenta *Climate Action ActNow.bot*, na página do Facebook das Nações Unidas – acesse [clcando aqui](#). A iniciativa vai recomendar ações diárias para salvar o planeta e contabilizar o número de ações realizadas, para medir o impacto que movimentos coletivos podem ter.

Ao compartilhar seus esforços de ações climáticas nas redes sociais, você pode encorajar mais pessoas a fazerem o mesmo.

Além disso, a iniciativa *People's Seat*, lançada pelo secretariado da UNFCCC, garante que você contribua diretamente com as conversas na COP24.

9. Por que a ONU também está planejando uma Cúpula sobre Mudanças Climáticas para 2019?

Para fortalecer as ambições e ações climáticas a partir dos resultados da COP24, o secretário-geral da ONU, António Guterres, está convocando uma Cúpula sobre Mudanças Climáticas para setembro do ano que vem. Marcado antes do prazo de 2020 para países finalizarem seus planos climáticos nacionais, o encontro tem o objetivo de focar em iniciativas práticas para limitar emissões.

A cúpula vai se concentrar em ações em seis áreas: transição para energia renovável; financiamento de ações climáticas e precificação de carbono; redução de emissões das indústrias; uso da natureza como uma solução; cidades sustentáveis e ações locais; e resiliência.

FONTE: <https://nacoesunidas.org/painel-da-onu-defende-mudancas-sem-precedentes-para-limitar-aquecimento-global-a-15-c/>

FONTE: <https://nacoesunidas.org/emissoes-de-dioxido-de-carbono-sobem-pela-1a-vez-em-quatro-anos-diz-agencia-da-onu/>



Reino Unido: como os veículos aéreos não tripulados podem ajudar a mitigar os danos causados pelas enchentes às propriedades

De Monica Rivas Casado

É necessário que haja um entendimento detalhado da probabilidade de inundações, sua provável magnitude e impacto, para que haja a provisão de seguro mais confiável e eficaz disponível, com prêmios apropriados, excesso e ajuste de perdas. Os custos para os proprietários podem ser mitigados adotando-se diferentes medidas, como medidas de resiliência e resistência (proteção contra cheias, pisos duros e estuques à prova d'água) e fazendo uso de produtos de seguro que distribuem o risco e garantem a cobertura de tantas propriedades quanto possível. Estes normalmente custam na faixa de £ 3.000 a £ 10.000, mas podem reduzir significativamente o impacto das inundações.

A avaliação atual dos danos causados pelas inundações pela indústria de seguros após um evento depende de uma combinação de inspeções porta-a-porta e técnicas de sensoriamento remoto. Muitas seguradoras canadenses, por exemplo, usam imagens de satélite pré e pós-evento para avaliar a exposição ao risco, estimar o número de sinistros em uma área e avaliar a necessidade de ajustadores de sinistros. Da mesma forma, a Swiss Re confia no CatNet, um sistema de software que se sobrepõe a imagens de satélite em mapas do Google, permitindo avaliar a extensão da área inundada e determinar onde as reclamações ocorrerão. Mas há vários fatores que limitam a eficácia

dos métodos de sensoriamento remoto: a cobertura espaço-temporal pode não estar disponível para a zona e período necessários; imagens ópticas não podem fornecer informações se houver pouca cobertura de nuvens; dados de satélite que podem penetrar na cobertura de nuvens têm um ângulo de visão oblíquo que dificulta a discriminação da água de outras características urbanas. Além disso, as abordagens atuais de sensoriamento remoto não fornecem detalhes suficientes para avaliar os efeitos da micro-topografia nas ruas e a presença de medidas de resistência à inundação de propriedades.

Novos resultados de um estudo sobre o uso de veículos aéreos não tripulados para capturar dados sobre inundações urbanas demonstraram seu potencial como uma alternativa mais eficaz. As imagens aéreas do UAV oferecem informações em tempo hábil (sob demanda) e cada vez mais detalhadas (maior resolução) do que imagens comparáveis de satélites ou aeronaves. Os UAV também podem ser utilizados para auxiliar na resposta a inundações em condições e áreas que não são acessíveis a aeronaves ou helicópteros tripulados. Nos últimos cinco anos, o uso da tecnologia UAV aumentou exponencialmente com uma gama variada de plataformas comerciais (pás rotativas, asa fixa e drones nano e híbridos) e sensores. Estima-se que 600 UAVs foram usados globalmente em 2015 pela polícia, bombeiros, ajuda humanitária e gerenciamento de desastres, com o número sendo usado dobrando anualmente.

FONTE: <https://environmentjournal.online/articles/how-uavs-can-help-mitigate-flood-damage-to-properties/>



GOBIERNO DE COLOMBIA

Atlas de risco da Colômbia: revelando desastres latentes

O Atlas de risco da Colômbia foi preparado pela Unidade Nacional de Gerenciamento de Risco de Desastres, a entidade líder no país no campo de gerenciamento de risco, e INGENIAR: Inteligência de Risco. Este produto surge da necessidade de avançar no conhecimento do risco a nível nacional e regional, tendo em conta que a missão da entidade é melhorar a qualidade de vida das pessoas e contribuir para o desenvolvimento sustentável. Mas, além disso, avançar no conhecimento do risco no país, a fim de compreender o risco de desastres em suas dimensões de ameaça, vulnerabilidade, grau de exposição e características do meio ambiente.

O atlas analisa o contexto geral da Colômbia, as ameaças que o país enfrenta, sua vulnerabilidade, uma avaliação de risco probabilística, casos locais e perfis de risco do departamento. O Atlas visa divulgar diversos estudos e avanços em relação à avaliação das diferentes ameaças de origem natural e tecnológica, desenvolvidas por entidades públicas e privadas no país; bem como divulgar os resultados da avaliação de risco probabilística para diferentes ameaças, com base em métricas de risco apropriadas para a tomada de decisão.

Mapas de risco sísmico, inundações, tsunamis, ciclones tropicais, incêndios florestais, seca e movimentos de massa em nível nacional são apresentados. Um risco departamental perfis multi-ameaça com mapas da perda anual esperado para representar o risco físico, e os resultados do índice abrangente de riscos de desastres são apresentados para explicar o impacto potencial, tendo em conta fatores agravantes associados fragilidade socioeconômica e falta de resiliência no nível municipal.

O índice integral do risco de desastres foi obtido utilizando os resultados do risco físico e uma série de variáveis socioeconômicas relevantes que dão conta do impacto que os danos e perdas em cada local podem ter. Seu objetivo é apresentar o risco de forma abrangente ou holística para atingir um público amplo, destacar os aspectos sociais, econômicos e ambientais que podem contribuir para aumentar os níveis de risco e criá-lo, mas também observar e comunicar como o risco existente, em Se se materializar, pode ter sérias implicações para o desenvolvimento do país.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/62193_atlasriesgo1.pdf



Quadro mais detalhado ainda do futuro clima do Reino Unido

A imagem mais abrangente do Reino Unido sobre como o clima pode mudar no próximo século foi lançada hoje pelo secretário do Meio Ambiente, Michael Gove.

As Projeções Climáticas do Reino Unido 2018 (UKCP18) incluem:

- Projeções mais abrangentes do Reino Unido sobre mudanças climáticas
- Os dados dão uma imagem mais detalhada ainda da temperatura, precipitação e aumento do nível do mar no próximo século
- Ciência de ponta para ajudar empresas e residências a planejar o futuro

Utilizando a mais recente ciência do Met Office e do mundo, as Projeções Climáticas do Reino Unido 2018 ilustram uma série de cenários climáticos futuros até 2100 - mostrando que o aumento das temperaturas no verão, o clima mais extremo e o aumento do nível do mar estão no horizonte e uma ação internacional urgente é preciso.

Para ajudar as casas e empresas a planejar o futuro, os resultados estabelecem uma série de possíveis resultados no próximo século, com base em diferentes taxas de emissões de gases de efeito estufa na atmosfera. O cenário de altas emissões mostra:

- As temperaturas de verão podem ser até 5,4 ° C mais quentes até 2070, enquanto os invernos podem ser até 4,2 ° C mais quentes
- A chance de um verão tão quente quanto 2018 é de cerca de 50% até 2050
- O nível do mar em Londres pode subir até 1,15 metros até 2100

- A precipitação média no verão pode diminuir em até 47% até 2070, enquanto pode haver até 35% mais precipitação no inverno

Projeta-se que os níveis do mar aumentem ao longo do século 21 e além em todos os cenários de emissão - o que significa que podemos esperar um aumento tanto na frequência quanto na magnitude dos níveis extremos de água ao redor do litoral do Reino Unido. Mesmo no cenário de baixas emissões, as projeções mostram que a temperatura média anual do Reino Unido pode chegar a 2,3 ° C mais alta até o final do século.

O Reino Unido já lidera o mundo no combate às mudanças climáticas - com emissões reduzidas em mais de 40% desde 1990. No entanto, essas projeções mostram um futuro que poderíamos enfrentar sem mais ações.

A UKCP18 agora pode ser usada como uma ferramenta para orientar a tomada de decisões e aumentar a resiliência - seja através do aumento das defesas contra inundações, do design de novas infraestruturas ou do ajuste de formas de agricultura para verões mais secos.

Falando hoje do Museu da Ciência em Londres, o secretário do Meio Ambiente, Michael Gove, disse: "Esta ciência de ponta abre nossos olhos para a extensão do desafio que enfrentamos e nos mostra um futuro que queremos evitar.

"O Reino Unido já é um líder global no combate às mudanças climáticas, reduzindo as emissões em mais de 40% desde 1990 - mas precisamos ir além.

"Ao ter esta imagem detalhada da nossa mudança climática, podemos garantir que temos a infraestrutura certa para lidar com extremos climáticos, casas e empresas podem se adaptar, e podemos tomar decisões para o futuro em conformidade."

As projeções de hoje são a primeira grande atualização das projeções climáticas em quase 10 anos, com base no sucesso do UKCP09 e em garantir que as evidências científicas mais atualizadas informem a tomada de decisões.

Com a mudança climática um desafio global, pela primeira vez, a UKCP apresenta projeções internacionais, permitindo que outras nações usem esses dados para avaliar os riscos futuros para as cadeias de fornecimento de alimentos, ou verificar as projeções de chuva para a probabilidade de inundações localizadas.

O Conselheiro Científico Chefe da Defra, Ian Boyd, disse: "A mudança climática afetará a todos. O UKCP18 é projetado para ajudar todos a tomar melhores decisões, desde aqueles que compram uma casa até pessoas que fazem grandes investimentos em infraestrutura. Foi produzido usando métodos de última geração".

O principal cientista do Met Office, Stephen Belcher, disse: "A nova ciência no UKCP18 nos permite passar de olhar para as tendências associadas à mudança climática, para descrever como os padrões climáticos sazonais mudarão. Por exemplo, ondas de calor

como a que experimentamos no verão de 2018 podem ser normais para o Reino Unido em meados do século. ”

Enquanto o Reino Unido continua a desempenhar um papel de liderança na limitação das causas do aquecimento global e no aumento da temperatura, algumas mudanças no clima são inevitáveis. Baseando-se no plano de longo prazo do governo do Reino Unido para se adaptar a um clima em mudança, essas projeções ajudarão empresas, investidores, autoridades locais, indústrias e indivíduos a planejarem uma ampla gama de possíveis mudanças futuras, ao mesmo tempo em que tomam medidas para reduzir a probabilidade do pior cenário de caso se tornando realidade.

O anúncio de hoje também acontece quando o Reino Unido celebra o 10º aniversário de sua Lei de Mudança Climática - a primeira legislação juridicamente vinculativa do mundo para enfrentar a mudança climática.

No mês passado, o governo promoveu a Green GB Week - uma semana de ação que destaca as oportunidades econômicas de enfrentar as mudanças climáticas, incentivando comunidades e empresas a fazer mais.

Embora essas projeções ressaltem a necessidade de novas ações urgentes, desde 1990, o Reino Unido reduziu as emissões em mais de 40% e aumentou a economia em mais de dois terços, o melhor desempenho por pessoa do que qualquer outro país do G7.

Claire Perry, Ministra da Energia e Crescimento Limpo disse: “Essas projeções dos principais cientistas do Reino Unido baseiam-se no relatório de especialistas em clima do mês passado, destacando a dura realidade de que precisamos fazer mais para enfrentar as mudanças climáticas para evitar impactos devastadores em nossa saúde e prosperidade.

“Já estamos liderando o mundo na luta contra a mudança climática, mas não podemos ser complacentes. Ao olharmos para negociações cruciais sobre o clima global na Polônia na próxima semana, está claro que agora, mais do que nunca, é o momento para ações coletivas e ambiciosas para enfrentar este desafio urgente ”.

Embora não seja possível fazer uma previsão precisa de como o clima e o clima mudarão no futuro, o UKCP18 fornece uma série de resultados que capturam a disseminação de possíveis climas futuros, para que possamos desenvolver e testar planos robustos.

As projeções serão levadas em conta no planejamento de adaptação a enchentes do Reino Unido e no parecer da Agência Ambiental para as autoridades de gestão de risco de enchentes e erosão costeira.

Desde 2010, o governo investiu um recorde de 2,6 bilhões de libras em defesas contra inundações, e estamos em vias de proteger mais 300 mil casas das inundações até 2021.

A presidente da Agência de Meio Ambiente, Emma Howard Boyd, disse: “As projeções da UKCP18 são mais uma prova de que veremos condições climáticas mais extremas no

futuro - precisamos nos preparar e adaptar agora, os impactos da mudança climática já estão sendo sentidos reescrito.

“Não é tarde para agir. Trabalhando juntos - governos, empresas e comunidades - podemos mitigar os impactos da mudança climática e nos adaptar a um futuro diferente.

“A Agência Ambiental não pode cercar o país, mas estará na vanguarda - protegendo comunidades, construindo resiliência e respondendo a incidentes.”

O UKCP18 foi desenvolvido pelo Met Office Hadley Centre, em parceria com a Defra, a BEIS, as Administrações Devolvidas e a Agência Ambiental, e foi extensivamente revisado por um painel científico independente.

Pessoas e empresas poderão usar o UKCP18 para explorar os tipos e magnitude das mudanças climáticas projetadas para o futuro, enquanto o governo usará as projeções para informar seu planejamento de adaptação e mitigação e tomada de decisões.

FONTE: <https://www.metoffice.gov.uk/news/releases/2018/ukcp18-launch-pr>



Bombeiros de Rio Preto Realizam Simulação no Aeroporto

O pouso forçado de um avião causou tumulto no aeroporto de Rio Preto.

Tudo não passou de um simulado, mas o treinamento serve para que os profissionais, que atuam no resgate de vítimas, possam se aprimorar e melhorar a qualidade do atendimento.

FONTE: http://www.recordtvriopreto.com.br/noticia/36742/bombeiros-de-rio-preto-realizam-simulacao-no-aeroporto.html#.XAXW_uTQZjo



Defesa Civil nas Escolas forma 178 estudantes

Projeto em parceria com secretarias municipais teve início em abril com alunos de quatro unidades da rede municipal

A Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil (COMPDEC) de Volta Redonda promoveu, na manhã desta quinta-feira, dia 29, a formatura de 178 alunos da rede pública de Volta Redonda, que participaram do projeto 'Defesa Civil nas Escolas'. O evento aconteceu no auditório do teatro do Colégio João XXIII, no Retiro, e teve a participação do prefeito Samuca Silva, de secretários e representantes do Governo Municipal, e do 22º Grupamento de Bombeiros Militar (GBM).

“É uma parceria da Defesa Civil com várias secretarias como a de Educação e a Fevre, e quem ganha é a comunidade, quem ganha é a escola. Quero parabenizar a toda equipe que está permitindo que esse governo forme cidadãos para o futuro”, afirmou Samuca Silva.

O aluno do 5º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Fernando de Noronha, Gabriel Messias da Silva Andrade Souza, de 12 anos, se disse contente com sua participação no projeto. “Me ajudou muito. Por exemplo, aprendi o quê fazer quando acontecer alguma coisa dentro de casa. Agora, já sei como prevenir”, comentou Gabriel, que participou do curso com estudantes das escolas Othon Reis Fernandes, Octacília da Silva Stockler Mendonça, e Maria Carraro.

O coordenador municipal de Proteção e Defesa Civil, Leandro Rezende, explicou que o projeto leva pra dentro da sala de aula, mais precisamente às turmas do 5º ano do Ensino Fundamental, o conceito de proteção e defesa civil, conceito de cenários de riscos e como são criados esses cenários, como reduzir os riscos, como agir na iminência de desastres, além de aulas de primeiros socorros e acidentes domésticos em uma parceria com o 22º Grupamento de Bombeiros Militar de Volta Redonda.

“Queria agradecer ao prefeito por nos dar a oportunidade de realizar esse trabalho. Foi muito gratificante, inclusive ver a mudança de comportamento dos jovens. Mostra que estamos no caminho certo”, comentou Leandro.

A secretária de Educação, Rita Andrade, ressaltou a parceria do projeto. ***“Trabalhar com criança é bom demais. O governo do prefeito Samuca está mostrando e valorizando a parceria entre as secretarias. A Educação tem recebido vários presentes e, dessa vez, foi o da Defesa Civil com esse projeto. Os jovens conheceram, reconheceram e agora podem ajudar. Ano que vem, com certeza, outras parcerias além da Defesa Civil estarão chegando nas escolas”***, afirmou a secretária.

Logo após a fala dos integrantes da mesa de abertura, a formatura seguiu com a entrega dos diplomas para cada aluno. Também participaram do evento o presidente da Fevre (Fundação Educacional de Volta Redonda), Waldyr Bedê, a coordenadora das turmas de 5º Ano, Andreia de Paula, e o representante do 22º GBM, o tenente Patrick.

Projeto – O Defesa Civil nas Escolas teve início em abril e formou 178 alunos divididos em sete turmas de quatro escolas. As aulas foram aplicadas uma vez em cada 15 dias, onde as turmas eram divididas em 5 grupos e, depois de apresentar um tema, era colocado um jogo relativo ao que foi ministrado, numa disputa saudável e interativa.

Por fim, os alunos foram levados para conhecer as instalações e os trabalhos da COMPDEC e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ).

FONTE:<https://new.voltaredonda.rj.gov.br/44-noticias-em-destaque/compdec/500-defesa-civil-nas-escolas-forma-178-estudantes>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>